

Artigo

Breve evocação de Nélida Piñon

Publicado: 05/01/2023

Daladier Pessoa Cunha Lima - Reitor do UNI-RN

Uma das maiores escritoras brasileiras, Nélida Piñon, que faleceu há poucos dias, sempre exaltava a Ibero-América, quanto à sua individualidade e quanto à nobreza dos povos que a constituem. Em seu livro *Aprendiz de Homero* (2008), ela assim escreve: “Nossas irradiações são latinas e ibéricas. Integram o nosso ser e o mistério que o cerca. Somos múltiplos, dispersos, mestiços. Para nossa sorte, fomos visigodos, iberos, celtas, gregos, romanos, árabes, antes de sermos ibero-americanos”. Com um estilo culto e sedutor, Nélida Piñon, em todo o livro *Aprendiz de Homero*, compõe uma brilhante aula de literatura, e, ao mesmo tempo, revela sua vinculação e seu amor à cultura ibérica. Nélida nasceu no Rio de Janeiro, em 1937, e, aos 10 anos, viveu algum tempo na Galícia, terra de suas origens, quando estudou o galego numa escolinha rural.

Nélida Piñon lançou seu primeiro livro em 1961, com “Guia-Mapa de Gabriel Arcanjo”, sobre o qual recebeu severas críticas, mas continuou seguindo em frente com muita coragem e tenacidade: “As coisas têm o seu tempo”. Dois anos depois, lançou seu segundo livro, “Madeira Feita Cruz”, com muito melhor aceitação da crítica. Nas décadas de 1960/1970, fortaleceu-se a amizade entre Nélida e Clarice Lispector, constante até nos momentos finais da vida da autora de *A Hora da Estrela*. O norte-río-grandense João Almino, integrante da ABL, em brilhante ensaio sobre a obra de Nélida Piñon, publicado na *Folha*, cita cinco vezes o nome de Clarice Lispector, no tocante à intercessão cultural entre essas duas figuras femininas que engrandecem a literatura brasileira. E diz João Almino: “Se considerarmos a história, feita de disjunções, de nossas literaturas, brasileira e latino-americana, desconheço outros autores dos quais poderíamos dizer o mesmo: que sua síntese literária abarca o Brasil e a América Latina”. Foi contemporânea e amiga de Vargas Llosa, Otávio Paz e Garcia Márquez. Escreveu cerca de 25 livros, a maioria romances, entre os quais “*A República dos Sonhos*”, sua principal obra.

Nélida Piñon foi a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras, em 1997. Talvez seja o autor brasileiro mais premiado no próprio país e no exterior. No Brasil, destaco dois Jabuti e, no exterior, o Princesa das Astúrias, um dos maiores prêmios literários da Espanha. Reuniu os discursos de agradecimentos aos prêmios, com outros de diversas naturezas, tais como o de Doutor Honoris Causa das Universidades de Poitiers, da França, e a de Santiago de Compostela, da Espanha, para compor o erudito livro *O Presumível Coração da América*.

Sem filhos, resta-me comentar um pouco sobre o imenso amor maternal (?) que ela dedicou aos cãezinhos criados em casa. As atuais, Suzy Piñon e Pilara Piñon visitaram-na no hospital, em Portugal, onde Nélida Piñon faleceu. A escritora deixou-as como herdeiras, enquanto viverem, de 04 apartamentos, no Rio de Janeiro. Mas seu maior amor foi por Gravetinho Piñon, o cãozinho que morou com Nélida 11 anos. Suas cinzas serão sepultadas ao lado das cinzas da escritora, no Mausoléu da ABL. Na crônica *Gravetinho Amado*, do livro *Uma Furtiva Lágrima*, Nélida Piñon abre o coração e declara: “Ele importava mais que as glórias literárias. (...) Amo você, meu Gravetinho Piñon. Adeus meu bichinho amado”.

Os artigos publicados com assinatura não traduzem, necessariamente, a opinião da TRIBUNA DO NORTE, sendo de responsabilidade total do autor.